

ENTRE NEIKOS E PHILIA: NOTAS SOBRE O COMPLEXO FRATERNO NO CASO AIMÉE

*BETWEEN NEIKOS AND PHILIA: NOTES ON THE FRATERNAL
COMPLEX IN THE AIMÉE CASE*

Maria Filomena Pinheiro Dias ¹

Resumo

Tendo por base o Caso Aimée, objeto de análise de Lacan em sua tese sobre a psicose paranoica e suas relações com a personalidade, destaca o lugar nele ocupado pelo complexo fraterno. Destacamos que nele, conforme precisa Lacan, o irmão funciona como duplo que ameaça e desestabiliza a criança em sua relação para com a sua própria imagem. No intuito de dar conta desse propósito, iremos retomar, em Freud, esse outro - esse rival - que amplia com o seu nascimento o complexo de Édipo ao complexo familiar, sendo de fundamental importância para um melhor entendimento da referida concepção lacaniana. Tal retomada nos possibilitará dar conta de suas nuances clínicas.

Palavras-chave: Complexo fraterno; Imagem do eu; Édipo.

Abstract

Based on the case Aimée, Lacan's object of analysis in his thesis on the paranoid psychosis and its relationship with personality, highlight the place that is occupied by fraternal complex. Based upon Lacan, we emphasize that in itself, the brother works as a double, that threat and destabilizes the child in his relation to his own image. In order to achieve this purpose, we will resume, in Freud, this other - this rival - which extends at his birth the Oedipus complex to family complex, what is of fundamental importance for a better understanding of that Lacanian conception. Such resumption will enable us to realize their clinical nuances.

Keywords: Fraternal complex; Self image; Oedipus.

¹ Psicóloga, Psicanalista. Diretora de Ensino do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Belém. E-mail: mariafilomenapd@gmail.com.

Na Clínica com crianças, constantemente surgem indagações a respeito de como os ciúmes, a inveja e a rivalidade - entre sintoma e ato - aparecem de forma intensa entre irmãos. Distante de ser o “parente pobre” (Assoun, 2000) da experiência freudiana, o complexo fraterno, em suas expressões clínicas, lembra insistentemente os resquícios do ódio que habita cada um de nós, testemunhas que somos de que a lei surge em consequência do crime originário.

O presente texto busca, à luz de notas sobre o Caso Aimée, destacar o complexo fraterno observado em Aimée e Élise para além da discutida paranoia, considerando que, para Jacques Lacan, o irmão funcionaria como duplo que ameaça e desestabiliza a criança em relação a sua imagem. Para tal, retomar em Freud esse outro, esse rival, que amplia com o seu nascimento o complexo de Édipo ao complexo familiar, é de fundamental importância para abordar a concepção lacaniana.

A transmissão oral e escrita de mitos e lendas em torno de uma fratria evoca grandes temas da fantasmática inconsciente entre irmãos. Essas preciosas narrativas, entre mito e história – do Velho ao Novo Testamento; das figuras literárias exemplificadas por Ivan e Dmitri, nos irmãos Karamazov; em Totem e Tabu, a horda dos irmãos que assassina o pai movido pelo amor às mães e irmãs; em Lacan, as irmãs Papin, Christine e Léa, além de Aimée e Élise – apontam o ordenamento inconsciente que perpassa o laço fraterno.

Em suas origens, o complexo fraterno leva ao núcleo do conflito inconsciente. No que se refere à “novela familiar”, é possível escutar aí o ponto de articulação entre o narcísico e o edípico, entre a imagem e o laço social. As expressões clínicas desse complexo revelam da intrusão aos ciúmes, da sedução ao amor, da hostilidade à ternura.

Freud, em sua “Interpretação dos sonhos” (1900/1987), relata sonhos e situações de pacientes que refletem os laços fraternos de maneira semelhante ao que escutamos frequentemente no atendimento a crianças e adultos na atualidade. Ao considerar a relação das crianças com seus irmãos e irmãs, diz:

Não sei por que pressupomos que essa relação deva ser amorosa, pois os exemplos de hostilidade entre irmãos e irmãs adultos impõem-se à experiência de todos, e é frequente podermos estabelecer o fato de que essa desunião se originou na infância ou que sempre existiu. Mas é também verdade que inúmeros adultos, que mantêm relações afetuosas com seus irmãos e irmãs e estão prontos a apoiá-los hoje, passaram sua infância em relações quase ininterruptas de inimizade com eles. (Freud, 1900/1987, p. 247)

Freud comenta que é de particular interesse observar o comportamento de criancinhas de até dois ou três anos, ou mais velhas, para com seus irmãos ou irmãs menores. A uma menina que até então fora filha única, dizem que a cegonha trouxe um novo bebê. Ela examina o recém-chegado e declara: “A cegonha pode levar ele embora de novo”!

O pequenino Hans, logo após o nascimento de uma irmã, exclamou: “Não quero uma irmãzinha”. Dezoito meses depois, confessou o desejo de que sua mãe deixasse o nenê cair na banheira para que ela morresse.

O autor e poeta suíço Spitteler, citado por Freud (1900/1987), faz um relato da sua própria infância:

Eu era suficiente, no que dizia respeito a mim, por que haveria de querer um irmão? E ele não era apenas inútil, era positivamente um obstáculo. Quando eu importunava minha avó, ele queria importuná-la também. Quando eu saía para passear de carrinho, ele se sentava de frente para mim e ocupava metade do espaço, de modo que estávamos fadados a chutar um ao outro. (p. 249)

Ele afirma que os sentimentos hostis para com os irmãos e as irmãs são mais frequentes do que observa o olhar distraído do adulto. Porém, quando a diferença entre as suas idades é suficientemente longa, uma menina mais velha já começa a sentir o despertar de seus impulsos maternos para com o recém-nascido. Assim, percorrendo as margens que separam Neikos (discórdia) e Philia (concordia), o que acontece entre irmãos e irmãs considerando as vicissitudes do saber inconsciente?

O ato que inaugura a relação fraterna é a chegada desse outro, que amplia o complexo de Édipo ao complexo familiar. Em Freud, esse outro, intruso e rival, trará “severa amargura” para o primogênito, que lhe custará muito esquecer. Essa rivalidade envolve a disputa pelo seio materno, que deverá ser abandonado pelo filho mais velho com a chegada do mais novo. A causa dos ciúmes fraternos seria a disputa pelo amor exclusivo da mãe. O irmão-irmã aparece como o que precipita a angústia da castração – objeto da descoberta da diferença sexual na infância.

Lacan, ao examinar os complexos familiares, mede o complexo de intrusão entre o complexo do desmame e o complexo de Édipo e enfatiza a identificação como determinante da rivalidade entre irmãos. O irmão funcionaria como um duplo que ameaça e desestabiliza a criança em relação a sua imagem.

O ciúme entre irmãos para Lacan é fundado na identificação do sujeito com o pequeno semelhante e não pela disputa em torno do amor dos pais. O outro é rival em relação à própria imagem narcísica do sujeito:

Assim, o sujeito, comprometido no ciúme por identificação, desemboca numa alternativa nova em que a sorte da realidade está em jogo: ou ele reencontra o objeto materno e vai se agarrar a recusa do real e à destruição do outro; ou, levado a algum outro objeto, ele o recebe sob a forma característica do conhecimento humano, como objeto comunicável, já que a concorrência implica ao mesmo tempo rivalidade e concordância. (1938, p. 39).

Esse momento da elaboração teórica de Lacan, constatado em: “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938) e “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949), possibilita destacar no Caso Aimée a questão do complexo fraterno, pensando a irmã Élise como um duplo que ameaça e desestabiliza sua imagem.

Roudinesco (1993/2008) diz que para Lacan, “a *causa eficiente* da psicose de Aimée residia, a seu ver, no conflito moral com a irmã. Ela determinava a estrutura e a permanência do sintoma e traduzia-se por uma fixação da personalidade no estádio do complexo fraterno.” Assim, Lacan retomava a teoria das “três causas”, acrescentando ainda a *causa ocasional* e a *causa específica*.

Aimée é o nome fictício de Marguerite Anzieu (nascida Marguerite Pantaine), que Lacan dá a uma paciente de 38 anos internada no hospital Sainte Anne em 1931

e que foi atendida por ele por quase dois anos. O motivo da internação foi um atentado efetuado por ela contra Huguette Duflos, célebre atriz parisiense.

Roudinesco (1993/2008) narra que uma primeira Marguerite Pantaine veio ao mundo em outubro de 1885. Depois dessa Marguerite, sua mãe Jeanne trouxe ao mundo duas outras filhas: Élise, em setembro de 1887, e Maria, onze meses mais tarde.

Em dezembro de 1890, uma tragédia se abateu sobre essa família. Em um domingo antes da missa, Marguerite se aproximou demais do fogo da lareira e virou uma tocha diante dos olhos de sua irmã mais moça. Logo após essa morte, Jeanne fica grávida de novo, parindo, em 1891, uma criança natimorta.

Em 4 de julho de 1892, nascia uma segunda Marguerite, quinta da fratria, que conhecerá Lacan 39 anos mais tarde: ela levava o nome da irmã morta. Depois dela, ainda viriam três irmãos homens. Sendo a filha preferida, Marguerite obtinha vários privilégios e suscitava o ciúme das irmãs.

Quando Lacan a encontra pela primeira vez, Aimée traz um histórico de internamento psiquiátrico de dez anos e apresenta estado depressivo, período que se iniciou quando estava grávida. Ela dá à luz uma menina que nasce morta e acusa uma antiga amiga pelo infortúnio. É em torno dessa amiga que os delírios de perseguição se intensificam. Para Lacan, surge aí seu primeiro perseguidor.

Depois de um curto tempo, Aimée engravida novamente e volta a apresentar um quadro depressivo. Dessa segunda gravidez, nasce Didier, objeto de sua paixão, de quem ela será a única a cuidar até os 14 meses, pois acredita que todos ameaçam seu filho. Aparecem então delírios de grandeza junto aos delírios de perseguição. Aimée acredita que será uma grande romancista e entrega seu fi-

lho para ser cuidado por Élise, sua irmã mais velha que vem morar em sua casa.

Aimée vive dois momentos distintos em relação à irmã Élise. Por um lado, felicita-se pelos cuidados que dirige a seu filho; por outro, suporta mal o lugar que a irmã passa a ocupar na educação da criança:

Embora humilhada por essa irmã intrusa que vivia a censurá-la, deixou-se dominar por ela como já o fora pela intrigante dos Correios. Donde uma atitude ambivalente: ora media as qualidades de Élise pelo parâmetro da própria impotência, ora travava uma luta em silêncio contra a opressão da irmã. O resultado era desastroso (ROUDINESCO, 1993/2008, p. 59).

Para Lacan (1932/1987), ainda que ela reconhecesse as qualidades de sua irmã, é dominada por ela, que “lhe representa sob um certo ângulo a imagem mesma do ser que ela é impotente de realizar” (p.231). Ele conclui que a amiga tomada por perseguidora representa ao mesmo tempo a amiga querida e a pessoa dominadora da qual ela tem inveja, e que na verdade seria uma substituta da irmã.

Lacan (1932/1987) trabalha esse caso à luz de uma fixação no complexo fraterno, sublinhando que:

Se, no curso de seu delírio, Aimée transfere para várias cabeças sucessivas as acusações de seu ódio amoroso, é por um esforço para se liberar de sua fixação primeira, embora este esforço seja abortado: cada uma das perseguidoras não é verdadeiramente nada mais que uma nova imagem, sempre inteiramente prisioneira do narcisismo, desta irmã da qual nossa doente fez seu ideal. (p.389)

Aimée, em seu aprisionamento narcísico, aponta o paradoxo que é esse outro-eu mesmo no confronto com minha imagem. Difícil é imaginar Narciso com um irmão. Porém, na eterna balança entre Neikos e Philia, entre Narciso e Édipo, Imaginário e Simbólico, resta-nos contar com o outro fraterno, na concórdia ou na discórdia.

REFERÊNCIAS

Allouch, Jean. (1997). *Marguerite, ou A “Aimée” de Lacan*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Assoun, Paul-Laurent. (2000). *Lecciones psicoanalíticas sobre hermanos y hermanas*. Tradução: Horacio Pons. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Freud, Sigmund. (1987) A interpretação dos sonhos. v. IV In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. Original de 1900.

Lacan, Jacques. (1987) *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. Original de 1932.

_____. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987. Original de 1954

Roudinesco, Elisabeth. (2008). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 19/10/2015.

Aprovado para publicação em 31/01/2016.